

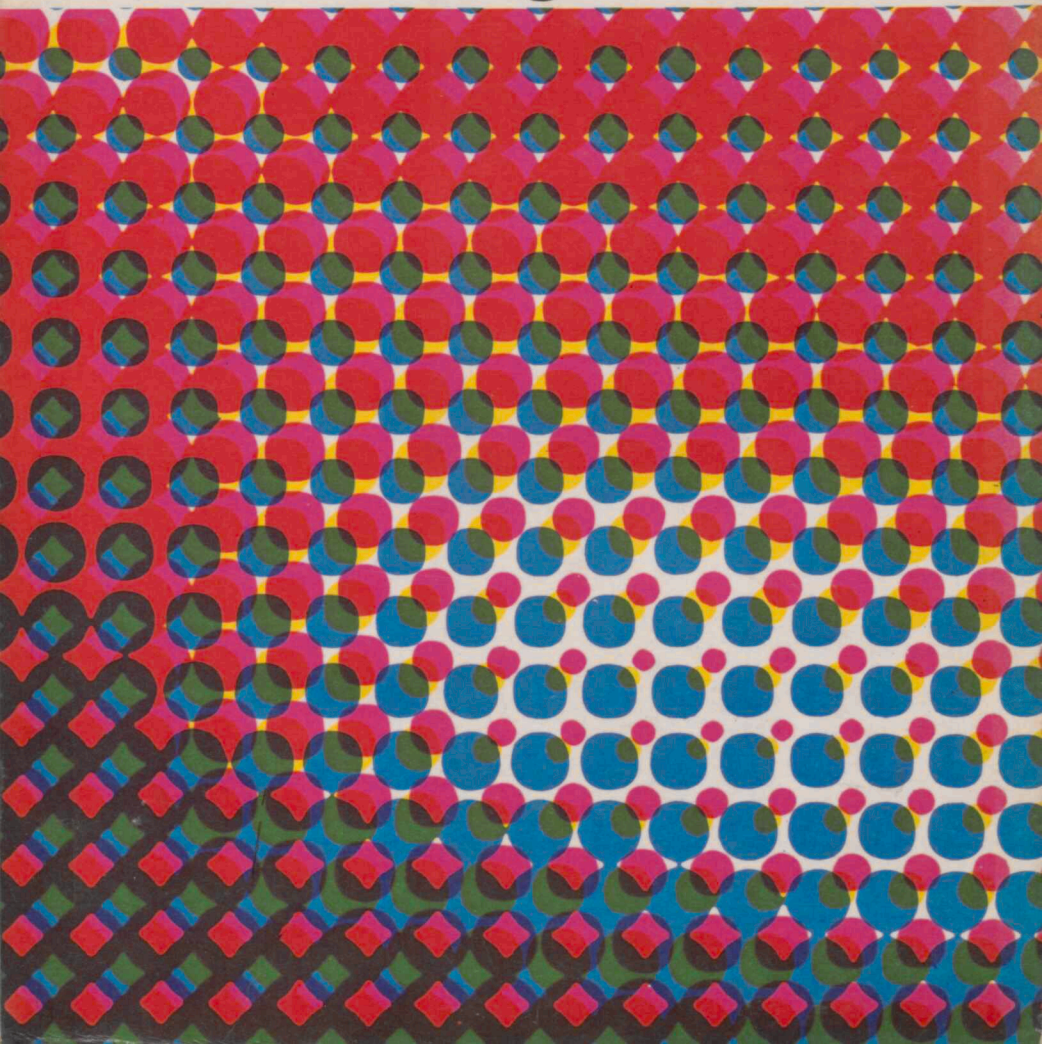
Geraldo Ferraz

# Depois de Tudo

SMC  
Secretaria Municipal de Cultura  
Prefeitura do Município de São Paulo



PAZ E TERRA



Coleção DEPOIMENTO 1  
Secretaria Municipal de Cultura

Ficha Catalográfica

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Ferraz, Geraldo.

Depois de tudo: memórias / Geraldo Ferraz. -  
Rio de Janeiro : Paz e Terra ; São Paulo : Secretaria  
Municipal de Cultura , 1983.

(Coleção Depoimento)

1. Ferraz, Geraldo, 1905- 2. Jornalismo -  
Brasil - História 3. Semana de Arte Moderna, São  
Paulo, 1922 I. Título II. Série

F433d  
83-0782

CDD - 079.81  
706.0981551  
920.5  
CDU - 07(81)  
7.036(816.1) "1922"  
92 Ferraz, G.

EDITORA PAZ E TERRA S/A

*Conselho Editorial:*

Antonio Candido

Celso Furtado

Fernando Gasparian

Fernando Henrique Cardoso

Geraldo Ferraz

# Depois de Tudo

SMC  
Secretaria Municipal de Cultura  
Prefeitura do Município de São Paulo



PAZ E TERRA

Copyright by Geraldo Ferraz

Capa: Hermelindo Fiamingui  
Revisão: Silvia Grisi Sampaio  
Projeto Gráfico: Eduardo J. Rodrigues

Projeto Editorial: Edla van Steen  
Arquivo Multimeios: Centro Cultural São Paulo

Direitos adquiridos pela:  
Editora PAZ E TERRA S/A  
Rua São José, 90 - 18º andar  
Centro - Rio de Janeiro - RJ  
Tel: 221-3996  
Rua Carijós, 128  
Lapa - São Paulo, SP  
Tel: 263-9539

1983

---

Impresso no Brasil  
*Printed in Brazil*

PAZ E TERRA



Secretaria Municipal de Cultura  
Prefeitura do Município de São Paulo



ximo que podia oferecer. É verdade que alguns dos participantes pareciam esponjas.

É de fevereiro de 1929 o último número da *Revista de Antropofagia*, o número 10. No intervalo que se seguiu, certo dia, Oswald de Andrade e Raul Bopp me convidaram para conversar com eles. Precisavam de alguém que se dispusesse a conduzir o barco, e como eu estava dentro do *Diário de S. Paulo* e contava com as simpatias de Rubens do Amaral, haviam-lhe proposto meu nome para organizar a página que o jornalista lhes concedera no novo matutino, para dar continuidade à *Revista de Antropofagia*, em “segunda denteção”. Eu deveria coordenar a matéria, paginar com inteira liberdade, e dar corpo, enfim, à publicação. Explicaram-me que o agrupamento da *Revista*, primeira fase, malograra em substância, e que agora deveríamos encaminhar o movimento antropofágico para uma total radicalização, literária, política e social. Não foi preciso insistir muito para que eu aceitasse a tarefa, pois tinha também minhas idéias de como *paginar* um trabalho de vanguarda. Assim ficamos aptos a participar da “segunda denteção” da Antropofagia, contando com a inteira solidariedade de Rubens do Amaral.

É o momento de estabelecer o retrato de Oswald de Andrade. Quando o conheci, estava em plena posse fazendeira e imobiliária em São Paulo, e o escritor, que lutara com a Cúria devido a interesses de terrenos deixados por seu pai, demonstrava sua furiosa alegria dentro do limite burguês com que encarava a sociedade paulistana e as famílias bem do ciclo do café. Sua sátira do *Serafim Ponte-Grande*, começada em 1924, dirigia-se contra um tipo indefinido de pequeno-burguês, que encarnava no funcionário público, no meio ralo de uma quase inexistente pequena burguesia. Pau-Brasil e Antropofagia serviram até então à sua sede de satirizar o pequeno-burguês, embora tivesse oportunidade de fazê-lo na trilogia de *Os condenados*, que saiu dostoievskiano até o segundo volume, passando, depois de 1930, quando retocou e concluiu o terceiro volume, inicialmente *A escada*, publicada com o título de *A escada vermelha*, então já dentro da linha que se traçara no prefácio de *Serafim Ponte-Grande*. Acrescentaremos que este livro, o *Serafim*, seria dedicado à grande dama paulista d. Olívia Guedes Penteado, dedicatória que foi eliminada, ainda mais que a distinta senhora se passava para ser um dos maiores esteios do Integralismo.

O riso de Oswald de Andrade, que quase sempre era satírico, seria a partir de 1931, quando o escritor adere à linha prestista, voltado contra a burguesia e os donos do poder, os “tenentes”, inclusi-

ve, pois fora frustrada a sua tentativa de convencer alguns deles, com os quais conversou, da importância social e política da Antropofagia. Suas teses ainda eram apenas suspeitas. Há, portanto, uma continuidade de defesa pelo riso sarcástico, pela irreverência das frases críticas, pela acidez com que encarava qualquer tendência ao místico e ao religioso.

Noutro pólo está Raul Bopp, poeta sentimental, sensualmente voltado para as suas paixões ocultas, tentando identificar-se com a terra, com o elemento afro-brasileiro, com a magia, com a tropicália em toda sua extensão, o primeiro poeta a entrar na vida amazônica e de lá sair carregado de lendas. No mais era o oposto de Oswald, numa bondade humana, lírica, intensamente voltada para o conhecimento do Brasil, desde o seu trabalho cotidiano, ao lado de Adour da Câmara, na Agência Brasileira. Para ele, a Antropofagia terminou em 1930, ou nos fins de 1929. Neste ano, refere ele em seus cadernos de memórias, houve um *changer de dames* geral, mas sua denúncia é excessiva; apenas Oswald de Andrade trocou Tarsila por Patrícia Galvão, que se casara meses antes com Waldemar Belisário, casamento logo seguido de anulação, e Osvaldo Costa uniuse a Leonor, mulher do escultor Celso Antônio. O casamento de Oswald e Patrícia foi na Igreja da Penha, a 1º de abril de 1930.

Um amigo de Bopp, jornalista também na Agência Brasileira, Alberto Araújo, participou anonimamente da Antropofagia, segunda dentição, bem como Jorge de Lima, Eneida, Júlio Paternostro, Aníbal Machado, Murilo Mendes, Ascenso Ferreira.

A primeira página da *Revista de Antropofagia*, segunda dentição, era somente uma página, saiu num domingo, 17 de março de 1929. Os antropófagos haviam silenciado pouco mais de um mês, depois de uma existência de dez meses na primeira dentição, que não interessa nesta memória.

Demos nossa adesão à Antropofagia, na base de um movimento de vanguarda literária, sem implicações outras, que Oswald de Andrade depois assumiria. Uma longa e tumultuosa caminhada levaria o revisor da *Revista do Brasil*, em quatro anos, a participar da vanguarda literária brasileira mais tumultuosa e avançada, à margem da profissão jornalística que abraçáramos, sem qualquer preparação para os problemas que surgiam.

Naquela São Paulo, ainda dos lampiões de gás, em que a mais longínqua expansão ao sul era o Jardim América e a sudoeste o Pacaembu, o matutino mais novo da cidade ganhara uma página vanguardeira. Nossos atritos começaram com o gerente Orlando R. Dantas, que era quem tomava conhecimento das devoluções do jor-



nál pelas famílias paulistanas conservadoras, que não admitiam em seus lares uma intromissão dessa ordem. Pacientemente, procurávamos explicar a Orlando R. Dantas que nada havia de impróprio no que publicávamos.

Naturalmente, se houve um lugar sem censura, do jornal, esse era a página de Antropofagia. O que Murilo Mendes escrevia, o que Ascenso Ferreira produzia e nos enviava, isto era o que saía. Reunia-se o comitê de redação, sempre fora do jornal, e discutia-se a matéria recebida e avaliada. Havia sempre uns seis ou sete nas reuniões, e muita coisa ficou em conversa dispersada, porque não havia gravador para guardar as digressões e os apartes, nem a memória reservou, dessas reuniões sem atas, o que poderia hoje encher pelo menos um volume. Tratava-se às vezes, com urgência, de dar um balanço na matéria e encaminhar-se o trabalho para a próxima semana. O que era improvisado na *Revista de Antropofagia* era, principalmente, nosso trabalho de paginação, feito com um paginador do jornal, e às vezes só pelo “açougueiro”, entendido também de colocar na rama a matéria composta, conforme nossa marcação. Assim, o que resultou de gráfico na *Revista de Antropofagia*, segunda denteição, é exclusivamente trabalho do “açougueiro”. Justificaria isto o nome de “açougueiro”, pois se tratava de quem distribuía os pedaços da *Revista*, ao acaso do espaço.

E assim que começou o trabalho do “açougueiro”, Mário de Andrade, encontrando-se comigo na esquina da rua das Palmeiras com Tupi, para esperar o bonde, não só não respondeu ao meu cordial “boa-noite”, como virou a cara, soberano em sua danação. Ficou “de mal”, e só em 1937 voltaria a falar comigo, quando do encontro, no Teatro Municipal, provocado por Paulo Magalhães, diretor do Teatro, para ler a apresentação do Salão de Maio. Este rompimento foi o último, todos da *Revista de Antropofagia*, segunda denteição, não podiam mais contar com Mário de Andrade. Aliás, os ataques que já haviam começado, a toda a turma da primeira denteição antropofágica, continuavam na *Revista*, nesta segunda fase, em que a radicalização era o mínimo que se punha em causa.

Querem que eu comparecesse a todas as festas e reuniões sociais não dava mesmo; a estada em São Paulo do conde Hermann Keyserling, que se fazia de filósofo, era alguma coisa que passava fora de minha esfera. Afinal de contas, era um conde, e nós tínhamos vários aqui com quem ninguém se importava. Importava sim o rei do picadeiro, esse Piolim, que era um tipo educado e acomoda-

muito orientada, quando para mim não passava de literatura mesmo. Assim podíamos, com mais liberdade e menos ortodoxia, tratar os temas. Osvaldo Costa é que dera base ao assado antropofágico, nos “moquéns” teorizadores, que começou a publicar na *Revista*, moquém afinal não passava da grelha em que supostos antropófagos cozinhavam os pedaços dos brancos, como está nas gravuras de Hans Staden. E “moquém” celebrizou-se através da teorização acre de Osvaldo Costa.

Aí vem a Exposição de Tarsila, aí vem o conde Keyserling, este bastante conhecido pela doutrinação publicada pela Editora da *Revista de Ocidente*! Agitava-se o grupo da Antropofagia, diante dos dois acontecimentos que dariam para mover céus e terras.

E a exposição de Tarsila foi um sucesso. Tão grande que, apenas terminada, ela e Oswald de Andrade se voltaram para a Paulicéia desvairada na previsão profética de Mário de Andrade: repetir-se-ia em São Paulo o mesmo êxito verificado no Rio de Janeiro? Estávamos às voltas com o processo promovido por Yan de Almeida Prado, e à exibição de autógrafos reclamada pela Justiça, Rubens do Amaral bateu à máquina, em minha frente, o trecho incriminando da *Revista* e assinou. Era assim que o brilhante jornalista que nos viera de São Carlos entendia a responsabilidade de um diretor de jornal. Inclusive pela *Revista de Antropofagia*, em sendo necessário, ele assumia a responsabilidade. Mas o processo teve desfecho verdadeiramente espantoso, pois comparecêramos com o nosso advogado que era nem mais nem menos que o dr. Vicente Ráo. E nessa primeira e decisiva audiência, por qualquer lapso de memória, o romancista Yan de Almeida Prado, dito então grande colecionador de antigüidade, não compareceu. Simplesmente: moveu o processo por injúrias e não compareceu. O juiz que tomara conhecimento da queixa, e que achava que o processo era uma puerilidade, sentenciou imediatamente: condenou nas custas o romancista, ou seja, em 612 mil réis, o que, para o pão-duro que ele era, deve ter doído na carne, mais do que uma dentada de antropófago. E foi assim que quem se meteu a processar a *Revista de Antropofagia* saiu lanhado, não só na economia como na própria alma.

Nosso projeto era mudar o nome de Yan de Almeida Prado para o de “Sentenciado 612”, o que fica nestas recordações, para não se perder o fio da história. No entanto, à volta gloriosa de Tarsila do Rio de Janeiro, enquanto providenciávamos novo catálogo, reedição do mesmo que a levava à Cidade Maravilhosa, apenas mudando a data e o local, a *Revista de Antropofagia* foi suspensa. A “segunda dentição”, com tantos dentes, pois até a escola leiga, livre



de catecismo, tinha sido ali defendida, durara mais quatro números que sua sinônima, e isto tendo pela frente, desde o primeiro dia, a crítica desesperada do gerente Orlando Ribeiro Dantas. Ele mesmo me deu a notícia; convocou-me à sua sala e, ainda com voz trêmula de raiva acumulada, declarou-me: “A *Revista de Antropofagia* não sairá mais, por ordem também do dr. Rubens do Amaral.” “- Podia saber o motivo?”, ainda indaguei; e ele: “O motivo é que o *Diário de S. Paulo* não publicará mais as indecências que seus amigos estão acostumados a despejar nas colunas do jornal”. Disse-lhe um seco “até logo” e rodei nos calcanhares.

Assim acabou a “segunda dentição” da *Revista*, que toda a semana vários leitores e assinantes devolviam à gerência, protestando contra a publicação que afetava os brios da família paulista. “Agosto, dizia-me Oswald de Andrade, é mesmo um mês de azar”. No mês seguinte seria a exposição de Tarsila em São Paulo, no amplo salão térreo do edifício Glória, espaço cedido pela gentileza de Samuel Ribeiro.

Fechava Tarsila do Amaral, com um festival artístico nunca ocorrido em São Paulo, a sua vida artística no último mês antes da degradingolada que a crise do café representaria para São Paulo, logo seguida do craque de Nova York o qual estremeceria o mundo capitalista entre as duas guerras. De fato, essa exposição em que os quadros de Tarsila, com seus belos coloridos, enfeitavam o espaço teve, também, a presença do presidente Júlio Prestes, menos compreensivo do que o encontramos na exposição de Anita Malfatti, pois chegava a perguntar, diante do quadro “A regra”, a Menotti del Picchia, que o acompanhava, o que era “aquilo”, pergunta que, por outro lado, dá a medida exata da diferença entre as duas artistas, com um intervalo de meses apenas.

Tarsila podia despertar indagações para quem não estivesse acostumado a ver os seus quadros. Mas Júlio Prestes não tinha razão para ignorar Tarsila, e ainda menos diante do referido quadro. E entretanto, Tarsila parecia se dar conta de que era preciso fazer um pouco de didática; foi o que a levou a expor sua coleção particular de quadros modernos estrangeiros, nos últimos dois dias da mostra do edifício Glória. Escolheu os grandes nomes que faziam parte de sua coleção, não previra dispersão alguma, a crise do café ainda esperaria alguns dias, só chegaria nos primeiros dias de outubro. Expor Picasso, Delaunay, De Chirico, Léger, Lhote, Marie Laurencin, Miró, Picabia e outros, serviria muito mais de justificção de sua própria pintura, na taba paulistana, uma motivação que